

Entrevista 19

Entrevistador 1: mas aí onde que era?

Entrevistado 1: (inint 00:09) Jequitibá

Entrevistador 1: e que mais? qual delas mais?

Entrevistado 1: quer todas as comunidades?

Entrevistador 1: aham

Entrevistado 1: é... Alto Jetibá, rio Carrana, rio caramuru depois São Sebastião de Belém, rio da pedra

Entrevistador 1: ah, é uma pedra só? é rio da pedra?

Entrevistado 1: é

Entrevistador 1: eu achei que fosse rio das pedras

Entrevistado 1: rio das pedras fica mais aqui embaixo né

Entrevistador 1: ah... então existe rio da pedra e rio das pedras

Entrevistado 1: é, depois vem rio bonito... ... suíça, depois vem região chamada luxemburgo... depois vem Coranga... quantos tem?

Entrevistador 1: 1,2,3,4,5,6,7,8,9,10

Entrevistado 1: ainda falta...

Entrevistador 1: bom o senhor vai lembrando aos poucos... pomerano mesmo dessas qual que é? jequitibá

Entrevistado 1: jequitibá é pomerana

Entrevistador 1: alto jequitibá?

Entrevistado 1: também

Entrevistador 1: rio claro?

Entrevistado 1: também

Entrevistador 1: caramuru?

Entrevistado 1: também

Entrevistador 1: são sebastião de belém?

Entrevistado 1: também

Entrevistador 1: rio da pedra?

Entrevistado 1: também

Entrevistador 1: rio bonito?

Entrevistado 1: lá já é (inint 02:06) tem pomerano também mas é pouco

Entrevistador 1: suíça é suíço né...

Entrevistado 1: suíça é aquilo que eu já disse, né.. é só mais (inint 02:19)

Entrevistador 1: e holanda holandeses

Entrevistado 1: é na Europa, então, né

Entrevistador 1: he-he-he

Entrevistador 2: se descer um pouquinho mais ainda pega os tirolese

Entrevistado 1: tirolese... tirolese era (inint 02:35)

Entrevistador 1: era outra comunidade?

Entrevistado 1: essas são mais católicos

Entrevistador 1: ah, tá

Entrevistado 1: aqui tem caramuru 1 e caramuru 2

Entrevistador 1: ah tá

Entrevistado 1: (inint 02:53)

Entrevistador 1: aí deu 11

Entrevistado 1: 11 ou 12?

Entrevistador 1: agora já deu 11... mas eram onze né?

Entrevistado 1: sim

Entrevistador 1: aí bom, que que o senhor pode perceber, assim? o senhor fala pomerano?

Entrevistado 1: não... hoje eu entendo tudo né... (inint 03:14 – 03:18) com uma pessoa que só fala pomerano, a gente quebra a língua toda... quando eu estive a primeira vez na Europa, né, aí nunca ouvi holandês... mas fiquei quebrando o galho... (acha graça)

Entrevistador 1: ha-ha-ha mas aí bom uma das coisas que a gente tá observando na comunidade é o casamento.... e aí o senhor pode falar um pouco dos casamentos pomeranos que o senhor viu acontecer?

Entrevistado 1: bom, eu sozinho fui em casa 1600 casamentos... aqui nesta região...

Entrevistador 1: e aí que que o senhor pode observar no casamento?

Entrevistado 1: bom, hoje não mais né, mas é uma tradição assim fechada (inint 04:25 -04:33)

Entrevistador 1: aham e o que que eles faziam?

Entrevistado 1: eh, tem o quebra louça... que é antes do casamento na igreja... (inint 04:50) a bênção da igreja né... e... a festa em si já começava sexta-feira (inint 05:01) hoje, a festa em si é sábado até domingo, né... (inint 05:12) mas na época que eu comecei a trabalhar sexta feira era dia do casamento, ainda observava... na sexta dia anterior era o quebra louça, né... (inint 05:30)

Entrevistador 1: o senhor sabe me dizer porque que eles casavam na sexta antes?

Entrevistado 1: essa parte eu não lembro... mas eu posso crer que acho que era porque era tudo à cavalo (inint 05:50) tinha que viajar longe, né... Afonso Claudio, né, (inint 05:54) lá de cima

Entrevistador 1: uhum

Entrevistado 1: o condado onde vocês tiveram agora, esse pastor ele ia até Laranja da Terra para se levar (inint 06:06) né

Entrevistador 1:ah

Entrevistado 1: então por causa da distância... essa é a minha dedução, né, então chegaram a fixar um dia

Entrevistador 1: pra fazer os casamentos

Entrevistado 1: exatamente... quer dizer, acho que lá não nada assim, uma lei, mas eu acho que é uma (inint 06:31)... porque aí 40 anos atrás eu andei muito a cavalo aqui

Entrevistador 1: porque não tinha muito estrada como tem hoje, né?

Entrevistado 1: não tinha estrada, não tinha carro

Entrevistador 1:aí tinha um cavalo, um burro?

Entrevistado 1: um burro e um cavalo... e depois eles, mais pro interior ainda, né... em vez de estrada tinha só a trilha, né... (inint 07:03) andava um pedaço de carro, aí deixava o carro (inint 07:10 – 07:15)

Entrevistador 1: como era nome do cavalo do senhor?

Entrevistado 1: (acha graça) não lembro mais

Entrevistador 1:e aí então ia de carro... aqui em volta já tinha estrada..

Entrevistado 1: tinha, porque o pessoal mesmo fazia estradas né

Entrevistador 1:uhum

Entrevistado 1: eles faziam esses... eh... mutirões... tinha outro nome

Entrevistador 1: ajuntamento

Entrevistado 1: juntamento... é mutirão né... então subia as estradas aqui, né... (inint 07:59) lá embaixo na Suíça né...a gente passa lá... passa (inint 08:05- 08:15) eu nunca tinha entrado numa máquina, tudo que eu sabia era feito por (inint 08:17)... e aí então tá... eu era bem novo que eu descobri que era(inint 08:26) aí então eu fui no prefeito,

pedi (inint 08:30 – 08: 42) pode deixar que o pessoal já tá tudo convocado, o pessoal (inint 08:48) eles vão descer o barranco, né (inint 08: 52 – 08:52) eu já tava voltando né

Entrevistador 1: he-he-he

Entrevistado 1: assim foi a primeira vez que entrou uma máquina na estrada(inint 09:06)

Entrevistador 1: quando o senhor chegou aqui então as represas já tavam e já tinha estrada até lá?

Entrevistado 1: sim... (inint 09:25) muitos anos antes, porque pessoa daqui pra chegar com carro era só por Santa Teresa... mas aqui já tinha a barragem

Entrevistador 1: mas aí voltando a falar do casamento então, no primeiro dia tinha sopa de pé de galinha e quebra louça?

Entrevistado 1: isso

Entrevistador 1:(inint 9:52)

Entrevistado 1: de vez em quando a gente vê (inint 9:55)... as novidades também né

Entrevistador 1:aham

Entrevistado 1: aqui mais perto né (inint 10:04) porque aí dorme 10 horas, né, jantava, depois fazia aquela reza deles lá, quebra louça... e eu queria saber que que significava isso, né, porque eles simplesmente pegavam prato e travessa e partia no chão... e os homens tinham que depois varrer, né... aí eu queria saber

Entrevistador 1:a oração falava de que?

Entrevistado 1: era assim uma reflexão, quer dizer, isso varia de um lugar pro outro, né... conforme a pessoa que fazia, né... (inint 10:59 – 11:30)e eles dançavam por cima disso né

Entrevistador 1: descalço?

Entrevistado 1: descalço... aí os noivos dançavam mais alguns parentes dançavam junto né...

Entrevistador 1: o senhor chegou a pegar aqueles salões... a sala da casa era a sala de baile, quase, né?

Entrevistado 1: isso... isso que me chamou atenção também quando eu vim pra cá, as casas de antigamente eram grandes (inint 12:13) e a maior sala dentro da casa era a sala de estar né... os quartos eram pequenos... a cozinha geralmente era um puxado atrás da casa... o salão era o que ocupava a maior área dentro da casa... isso porque geralmente tinha pouco espaço, né... essas madeira (inint 12:45 – 12: 56) essa sala então era pra casamentos e inclusive pra velar mesmo...

Entrevistador 1: ah, fazia na sala também

Entrevistado 1: hoje, já mudou muito também... hoje nem todos os corpos... já vão pro hospital né

Entrevistador 1: a gente tava conversando com o pastor Vivaldo que foi uma coisa que a gente teve uma dificuldade de abordar com as pessoas sobre os enterros... algumas pessoas mencionaram pra gente, mas a gente... o senhor chegou a pegar alguma pessoa que tenha sido enterrada de lado assim?

Entrevistado 1: sim... eles me contaram a história... pessoas culpadas, assassinas né, eram passadas por baixo da cerca ou por cima da cerca... porque na verdade entrava (inint 14:16 – 14: 25) vocês podem ter outro pensamento, mas é um ser humano... quem somos nós pra julgar... era um jovem tinha 19,20 anos que tomou veneno, né... a pergunta maior, a preocupação era... passar por cima da cerca (inint 15:00) porque nós não queremos julgar, nós não sabemos qual motivo levou a fazer isso

Entrevistador 1: e teve muita briga ou os mais antigos chegaram a dizer que ia fazer ou aceitaram a

Entrevistado 1: a (inint 15:39)?

Entrevistador 1: uhum

Entrevistado 1: aceitaram sim... coisa até que depende, mas depois que eles entenderam... com isso eu consegui mudar algumas coisas aqui, né... por exemplo a escola... eu fui... só pra dizer... eu fui o primeiro pastor brasileiro aqui na região... que veio de fora pra cá, então eram só pastores alemães, só.... estrangeiros né (inint 16:23)

de entrar em contato também com as autoridades, né, porque as pessoas viviam bastante isoladas porque ninguém vinha né

Entrevistador 1: não tinha um porta voz né

Entrevistado 1: não, não tinha... então (inint 16:40) na época vereador, foi deputado, antes de ser governador foi deputado... então a profissão dele era (inint 16:44)

Entrevistador 1: lá em Marilândia?

Entrevistado 1: ele já tinha me contado coisa, então a gente... (inint 17:09)

Entrevistador 1: hoje em dia você não tem mais audiência pública como era antigamente, porque Cristiano Dias Lopes nem tanto, mas o Chiquinho ele abria portas e a pessoa entrava pra falar com o governador... já como o Jeferson ele era radialista, ele conseguia falar com ele também... hoje em dia não... tá trancado lá no alto do...

Entrevistado 1: mas eu tive... eu lutei contra o analfabetismo, porque era muito grande... as crianças vinham duas vezes por semana só... aí podia brigar (inint 18:20) fizeram maior briga quando um pastor na época pediu três vezes... e era da igreja né... tinha escola, né quase que uma escola particular e isso até a segunda guerra mundial... depois com segunda guerra mundial com a proibição do (inint 18:57) a coisa mudou e... aí então quando nós chegamos aqui, minha esposa era também professora, a gente não podia aceitar isso... brasileiros não se aprende (inint 19:19) os velhos tá certo, mas não as criança né e aí... eh... com 12, 13 anos é a crisma né... confirmação... aí então eu chamei a liderança de todas as igrejas e discuti... ser um pouquinho mais... vocês são brasileiros ou não são? não sou contra os pomeranos... jamais... mas a gente tem que falar a língua oficial... (inint 20:11) como é importante, ou com outras (inint 20:20) porque nós intérpretes você não pode confiar, né... nada é melhor se você mesmo pode dominar a língua, né... e assim consegui convencer eles que (inint 20:39)

Entrevistador 1: aham

Entrevistado 1: e... e... (inint 20:56) já tinha 20 jovens... só tinha um que falava... e (inint 21:13) mais humana a escola... que a gente não diz a todos que tem que ter completo, né, como (inint 21:18) não tinha 4 anos teria então (inint 21:30)... aí os pais aceitaram, hoje tenho certeza que ia apanhar, né (rsrs) mas naquela época as pessoas aceitaram... um que tinha o quarto ano a completar... aí eu disse ao pai desse menino...

são 19 jovens, né, e eles se conhecem, eles são amigos, deixa seu filho também esperar (inint 21:56).. não! dizia ela assim combinado assim, tem (inint 22:00) anos será crismado e daí eu faço a (inint 22:03) fiz crisma de um menino

Entrevistador 1: mas isso foi bom pro senhor dizer pra todo mundo ‘oh, esse daqui ele fez o certo, então vamo fazer o certo com ele’

Entrevistado 1: assim os outros pastores começaram também... alguns outros pastores colegas estrangeiros, né

Entrevistador 1: e que ano que era isso?

Entrevistado 1: 71, 72... e isso era observado há muito tempo, hoje já mudou muito, quer dizer, hoje tem o pessoal que com essa idade... pessoas com 15 anos já tá no segundo colegiado, né... mas assim a gente conseguiu... quer dizer, tava se formando uma vila... quer dizer, tinha gente estudando já em Vitória...

Entrevistador 1: agora o que que eles alegavam pra ser dois dias? por que os outros dias tinha que ir pra roça?

Entrevistado 1: tinha

Entrevistador 1: quer dizer, colocar mais um dia significava perder mais um dia de mão de obra?

Entrevistado 1: para o pai das crianças sim... era perda... perdemos uma família na comunidade só porque o menino não conseguiu (inint 24:50) tinha que ser crismado... aí eu fiz visita na casa dele e expliquei... trabalho ainda vem por si, desde que a pessoa saiba pensar, ‘pastor, quem trabalha na roça não precisa de estudo’ e as meninas muito menos ainda... por que a menina estudar? o lugar da menina era na cozinha... cozinha, lavar roupas e criar filhos...

Entrevistador 1: mas na época os homens eles já iam pro ceasa?

Entrevistado 1: não existia

Entrevistador 1: porque hoje em dia é uma necessidade que se não eles passam a perna deles aqui embaixo... porque antigamente era o dono da venda, vendia o café pra ele e ficava tudo por esse preço...

Entrevistado 1: exatamente foi lá pros anos 80 que o ceasa foi construído (inint 26:25)...
...

Entrevistador 1: uma coisa que eu queria um pouco saber assim... é como que eram os ritos de enterro dos pomeranos... o senhor lembra de alguma coisa?

Entrevistado 1: mais é... são pontos assim... não é generalizado... os enterros... o velavam de noite, então escolhiam pessoas que ficavam lá, né... (inint 27:19) a cachaça (inint 27:24) bastante... inclusive um dia eu fiz sepultamento de um menino que se afogou né... e aí quando eles me vira porque era (inint 27:37) porque eu tava a pé... e quando vinha assim (inint 27:40) aí eles correram para esconder o vidro... (inint 27:48) aí ao chegar na casa... aí eu vi que (inint 28:00) da próxima vez a gente tem que esconder melhor, né...

Entrevistador 1: ha-ha-ha

Entrevistado 1:mas a... eles têm, tinham os ritos lá...tinha que levar junto alguns dados né... e... ah, o homem fazia questão de levar o chapéu... eu fiz um enterro de um colega meu e já tava indo enterrar o caixão e ‘o chapéu!’

Entrevistador 1:e as mulheres levavam o que?

Entrevistado 1: ah... era menas... eles colocavam... eh... ... documentos antigos iam junto também... tanto pros homens quanto pras mulheres... certidão de batismo, de casamento... (inint 29:37 - 29:50) eu já tinha meu esquema né...

Entrevistador 1:no sepultamento então o senhor já chegava e colhia as informações daquele documento que ia embora?

Entrevistado 1: sim, sim

Entrevistador 1:e devia ter fotografia, alguma peça que era colocada junto no caixão

Entrevistado 1: sim

Entrevistador 1:e tinha uma roupa especial?

Entrevistado 1: não... isso era... porque houve já... geralmente é a funerária que... são poucos que preparam o corpo sozinho... aí (inint 30:44) a costureira vinha e fazia... o caixão era feito por outra pessoa... aí o carpinteiro fazia o caixão, revestia

Entrevistador 1: e tinha ornamento na madeira?

Entrevistado 1: naquela época era coberta com pano preto né...

Entrevistador 1: só tábua lisa

Entrevistado 1: lisa... em várias casas... casas mais simples... se pedia umas tampas, bonitas, tal... (inint 31:32) da trava em cima... aí eu perguntei, eles ficaram até sem jeito, pra que finalidade... era fazer o caixão... já estava guardado há muito tempo... ... e o casamento antigamente a vestimenta não era branca, era preta

Entrevistador 1: você chegou a pegar algum?

Entrevistado 1: sim

Entrevistador 1: mas o vestido era novo ou era aquela tradição de pegar o vestido da mãe, da avó ou não tinha isso

Entrevistado 1: isso também variava... onde a mãe (inint 32:36) passava pra filha, mas isso num era

Entrevistador 1: mas o vestido preto ele era exceção ou era regra?

Entrevistado 1: era regra naquela época... depois passou para o branco, aí veio alguém que tentou dizer o porquê o branco melhor (inint 33:59) mas o sistema... era a cavalo, era enfeitado com flores assim ou vinha a pé, eu fiz uma vez um casamento aqui na igreja e era uns 5 quilômetros mais ou menos e o pessoal veio a pé... ela grávida, né... e vindo a pé... de repente, desmaiou... aí a gente interrompeu, carregou ela pra fora... dei água, coisa assim...

Entrevistador 1: e como que era situação da noiva que tava grávida? o que que isso significava pros pomeranos

Entrevistado 1: isso era uma coisa que eu também tentei ver... ... porque era... (inint 34:14) as coisas né... quando casava, né... tinha gente esperta, né... que fica observando as coisas, né... (inint 34:42) e não era assim... a mãe pode ter a criança não é só com nove meses... ela pode ter a criança com dois meses antes... pode também passar 15 dias... não é lei ser nove meses... mas quando realmente confirmaram que era nove meses, eles tinham que fazer uma penitência... questões infiéis e coisa assim

Entrevistador 1: na frente da comunidade os dois

Entrevistado 1: se apresentavam e dizer que não tinha relação antes do casamento e coisa assim... he-he-he

Entrevistador 1: essa é a primeira vez que a gente escuta isso

Entrevistado 1: deu aqui, inclusive quando eu vim pra cá, né... que a comunidade luterana de são sebastião, né... nessa comunidade chegou uma família, de (inint 35:58) ficou um tempo retirado da comunidade por causa disso também... eles disseram que não, que não e vocês não foram corretos... só porque a criança nasceu antes dos nove meses (acha graça)

Entrevistador 1: e aí como eles estavam... eles se diziam com a razão, eles preferiam se afastar da comunidade porque pra eles foi uma humilhação, né...

Entrevistado 1: humilhação... mas eu fui lá e visitei 'esquece dessa humilhação, cuida desse neném de vocês'... aí um dia veio a noiva... (inint 37:00) mas eu sabia que já foi falado que essa menina já tava também grávida... grávida não, mas já estava (inint 37:19) que hoje é tão normal, né... naquela época... duro né... aí então eu... então 'nós queremos casar e eu tenho uma pergunta: ela pode usar véu e grinalda?' aí eu pensei assim... isso não é o ponto principal não... já que vocês estão morando juntos... pega esse dinheiro e compra fraldas... não tão de brincadeira, né... eles diziam 'não pastor, não tem nada a caminho ainda' he-he-he

Entrevistador 1: he-he-he

Entrevistado 1: aí eu disse pra eles... (inint 38:17) porque vocês também não tão dormindo costa a costa he-he-he

Entrevistador 1: he-he-he

Entrevistado 1: (inint 38:28) ficava em casa fechado de manhã até de noite, né... mas eu achei graça como ele disse né 'não pastor, não tem nada a caminho ainda'... era também pra eles uma lei, né... que confessava que (inint 38:56) que não podia mais usar o véu, né... aí lá em Santa Teresa... aí teve um casal (inint 39:22) eles vieram de kombi, né e quando cheguei na igreja já estavam lá (inint 39:36) sem véu, sem nada... depois dentro da cidade... e contei isso... (inint 39:46) aí ela tava sentada (inint 39:50)... sem véu, sem

grinalda, aí eu disse assim (inint 39:55) isso em dois momentos diferentes... não adianta então ir na igreja se a igreja não (inint 40:08) na festa né... vamos ser sinceros... (inint 40:19)

Entrevistador 1: ao olhos de Deus podia usar grinalda, mas ao olhos do homem podia

Entrevistado 1: podia... isso foi lá em Santa Teresa... assim fui... a gente foi explicando...percebendo

Entrevistador 1: e a casa pomerana ela tem um quarto do noivo... o quarto que é pra receber a visita que não fica virado pra dentro da casa ou isso não acontece?... porque a gente percebe que a casa dos pomeranos ela tem uma varandinha...

Entrevistado 1: tem sim (inint 41:10)

Entrevistador 1: isso

Entrevistado 1: aí dá prum quarto né... bom... geralmente quando namorava (inint 41:22) eles podiam então quando tava mesmo namorando, né, podia (inint 41:33) os pais faziam questão né... faziam questão o rapaz dormisse com a menina... não sei se é verdade, mas foi dito assim, pra garantir o casamento...

Entrevistador 1: então é engraçado, né... a mesma comunidade que dizia que não podia... também podia...

Entrevistado 1: porque a pureza pra eles era... dizem que podia ter relação aos monte, só que enquanto que não ficava grávida, não tinha problema...

Entrevistador 1: então podia usar véu e grinalda se não tivesse grávida?

Entrevistado 1: mas claro que podia...

Entrevistador 1: ah tá...

Entrevistado 1: a partir que a menina ficava grávida... e por isso os pais permitiam que o menino podia dormir com a menina

Entrevistador 1: e aí a pergunta como que essas meninas faziam pra não engravidar? tinha algum método ou alguma coisa que fosse ensinado pela mãe?

Entrevistado 1: não sei...

Entrevistador 1: aí teria que ser uma senhorinha... mas aquela senhora que a gente conversou o pai dela não deixava nem isso... a gente conversou com uma senhora aqui de (inint 43:25) o pai dela não deixava mal dividir um banco... não tirava o olho do rapaz... aí ela falando que agora ela é viúva, aí ela tá vivendo tudo que não viveu... bonitinha demais

Entrevistado 1: eu lembro quando eu era jovem... (inint 43:54) um casal de namorados nunca ia sozinho... sempre ia alguém...mas isso também não segurava não (rsrs)

Entrevistador 1: ha-ha-ha

Entrevistado 1: aqui, eu... explicava pros pais... essa iniciação sexual... pra mim tinha controle, a pergunta que você fez... porque tinha... eu dizia pros pais, porque às vezes não deixava ir no encontro de jovens assim, porque tinha medo, né... (inint 46:07 – 46:

22) já que não tinha nada... não tinha cinema, não tinha futebol... veio tudo isso aí depois (inint46:43) veio momento de confraternização com outras pessoas...mas tive discussão com muitos pais por causa de cinema (inint 47:10) igreja, o culto, esse sim, era sagrado e não pode perder, tem que (inint 48:06-48:10)

Entrevistador 1: O senhor tava falando...qual era a relação por exemplo para escolher o padrinho do batizado da criança? Por que a gente percebeu conversando com a gente (int) que tem muita importância quem é o padrinho da criança, né? Como é esse início da vida da pessoa?

Entrevistado 1: Isso é uma longa discussão que eu tive muitas discussões com os pais, porque essa nossa região aqui é conhecida como a região de (inint49:01-49:40). Eu conheço o Brasil quase todo, todas as capitais, não é só aqui o alcoolismo e exemplos que (inint 49:53) consumo forte de alcoolismo, álcool (inint49:58-50:00)

Entrevistador 1: Cachaça?

Entrevistado 1: E lá não tem palmerano (inint50:07) e posso citar inúmeras cidades onde não tem o alemão presente, mas a cachaça é predominante. Ai até chegaram e pediram desculpa, que não era assim, não sei o que é. Ai eu disse “venham, visitem”, acho que é bom conhecer outros sistemas, né, outros sistemas de vida, conhecimento, mas não por causa da bebida...eu sei que tem bebida...a gente luta contra isso, até

hoje...e...eu acho que a cachaça é melhor do que as drogas que nós temos hoje. Não tava assim aflorado, drogas como a cocaína.

Entrevistador 1: Pastor Rui, como é a escolha dos padrinhos?

Entrevistado 1: Ah, bom, isso naquela época...menino e menina, de uma lado era o pai, de outro lado era a mãe...me parece que quando era filhoo era o pai da mãe, o avô, e do outro lado era o contrário...e depois o filho mais velho.

Entrevistador 1: o avô materno e a avó paterna...o avô materno pro filho e a avó paterna pra filha?

Entrevistado 1: Sim.

Entrevistador 1: Então era cruzado?

Entrevistado 1: Sim, é cruzado. E assim é com os filhos também...com os filhos, né? Começa com o filho mais velho, né? Realmente eram duas pessoas da família e depois duas pessoas da vizinhança, outros parentes?

Entrevistador 1: A mesma criança, 4 padrinhos?

Entrevistado 1: Até mais (inint57:36-57:40)

Entrevistador 2: não era casal? Não precisava?

Entrevistado 1: Não precisava.